

## CLÁUDIO LEVADA FORA DO ESPECTRO DO DIREITO

*Tatiana Maria Marchi Levada<sup>1</sup>*

Cláudio Levada é como um daqueles eventos históricos difíceis de entender para aqueles que não viveram. É difícil de explicar com palavras todos os feitos e atitudes realizados e alcançados em 63 anos. E é difícil também de escrever sobre, porque esta homenagem também é uma forma de aceitar que você não está mais aqui, pai.

Desde meu 5º dia de vida, o Cláudio Levada passou a ser meu pai. E desde então, passei a ter a visão dele sob uma ótica rara, afinal, ele é muito conhecido nas óticas sociais e profissionais. Mas só percebemos que estas óticas são distintas depois de um certo tempo.



Foto 1: Cláudio Levada e sua filha Tatiane Levada.

Fonte: acervo da autora.

Certa vez, quando eu estudava aqui no Anchieta, o dia dos pais foi celebrado com o tema futebol e todos os pais deveriam ir à escola com roupa de time. Na minha classe, nos organizamos para que cada pai tivesse uma posição no jogo de futebol, alguns foram os atacantes, outro pai, o goleiro, o técnico e teve o juiz, que sim, foi meu pai. Mas não foi pelo motivo de faltar posições para o time, mas, sim, pelo motivo de eu achar que o juiz que meu pai era, era o juiz de futebol.

Houve outra ocasião em que ouvi que eu não teria nenhum tipo de problema financeiro por ser filha de juiz. E também as ocasiões nas quais, depois de identificada como “a filha do Levada”, passei a ter tratamento diferenciado.

<sup>1</sup> Tatiane M. Machi Levada é filha do Prof. Claudio Levada. É cientista de alimentos formada pela ESALQ-USP. Durante a graduação, foi contemplada com bolsa PIBIC 2015/2016 para iniciação científica com pesquisa de frutas nativas, realizou intercâmbio

BRAFAGRI 2017, na *École Nationale Vétérinaire, Agroalimentaire et de l'Alimentation Nantes-Atlantique*. Atuou como controle e garantia de qualidade na Norac Foods e atualmente trabalha na área de pesquisa e desenvolvimento da BRF.

Estas ocasiões me ajudaram a enxergar meu pai sob as demais óticas das quais ele poderia ser enxergado, além da de pai, afinal, pensava que todos os pais eram como meu pai e que esta ótica era comum a todas as pessoas que o conheciam. Mas não era. Era comum para apenas outras 5 pessoas no mundo todo. Portanto, descrevo neste artigo uma forma de mostrar o Cláudio Levada fora da ótica que vocês conhecem.



Foto 2: Cláudio Levada e sua filha Tatiane Levada.

Fonte: acervo da autora.

Metódico, carinhoso, supersticioso, exigente, atencioso, péssimo em trocadilhos são algumas características que me permitem começar a tentar explicar o que foi o papai Cláudio...

A caipirinha deveria ter precisamente 17 gotas de adoçante; ele sabia no paladar se fosse alguma gota a mais ou a menos. Ele apelidava os seus netos de uma forma que apenas ele os chamava:

“Marinho”, “Romeuzinho”, “Catinha”, “Vãncãn” e “Tonhão”; o desempenho na escola deveria ser bom, poderia não ser excelente, mas deveríamos entregar o nosso máximo, mesmo que não fosse o suficiente algumas vezes; os presentes eram comuns, mesmo que simples, como uma bolacha ou algum outro item da dispensa, pois: “Leva pra você, filhotinha! O papai compra outro depois!” era a forma de mostrar que se preocupava com o nosso bem-estar; os erros gramaticais eram imperdoáveis e nenhum passava despercebido; as correções imediatas fizeram com que alcançássemos fluência na gramática portuguesa antes mesmo de sermos alfabetizados...

Como pai, sempre nos fez sentir seguros. Seja garantindo que eu não precisava ficar chateada porque ele estava indo trabalhar, pois voltaria para casa depois do trabalho e que “o papai precisava trabalhar pra poder comprar miojo!” – que aparentemente era algo que eu gostava muito de comer quando era pequena, tão pequena que não sabia que miojo era muito barato e que ele não precisaria sair por horas pra trabalhar pra juntar essa quantia financeira - ; seja me mostrando o endereço das delegacias de Piracicaba, no caso de desconforto com algum trote universitário; seja permitindo que realizasse o meu maior sonho da vida, o de morar na França; seja me dando conselhos profissionais.



Foto 3: Cláudio Levada e sua filha Tatiane Levada.

Fonte: acervo da autora.

Ele sempre me chamava de filhotinha e para os amigos e até mesmo alunos, eu era a Tatinha. O que explica a estranheza de muitos ao me ver pessoalmente e descobrir que tenho 1m73... Seus amigos - e ele mesmo - diziam que eu era a filha que tinha o jeito mais parecido com o dele. Era isso que explicava tamanha ligação que tínhamos, mesmo que não fosse genética. Ele sempre me falava que tudo sempre ficaria bem e também me falava que sempre estaria comigo. Ele sempre fez o máximo que podia pra se fazer presente na vida dos filhos, o que é comum entre muitos pais, mas bem mais difícil quando se tem seis filhos, com uma diferença de idade de até 31 anos, com raio de distância que já chegou a 8.107 e 9.048Km, simultaneamente. Embora muitas circunstâncias fossem diferentes, ele sempre nos fez sentir únicos. Únicos como pessoas no mundo e únicos como unidade de filhos. “Meus seis filhos”, era sempre a

exigência de todas as ocasiões que tirávamos fotos e a mesma, que sempre disse ser o seu último desejo.

O meu pai amava vinhos. Amava ouvir música alta na caixa de som que tinha em casa. A *playlist* estava presente em mais de 60 *pendrives*, adquiridos na feira que, estranhamente, continham o mesmo estilo musical, que sequer o *Spotify* pode catalogar: “Aquelas músicas do papai”. Ele usava *pendrives* porque não entendia muito de tecnologia. Os textões que vocês liam no *Facebook*, eram todos digitados pelo celular. E em todas as suas postagens, ele fazia previsões de *likes* e contava cada um que chegava. E por ser muito bom de previsões, ele amava que as coisas acontecessem conforme o planejado. E por conta disso, no restaurante, ele odiava quando a comida demorava pra chegar, lugar onde jamais se sentava de costas pra porta.

Ele teve uma origem simples, que fez com que ele crescesse sem nenhuma frescura. Que fez com que ele tivesse muita garra. Que fez com que ele fizesse de tudo para proporcionar um conforto para seus filhos, esposas e irmãos. Que fez com que ele tivesse uma índole muito boa, que o fez ser tão bom profissionalmente, afinal “Honestidade não é virtude de quem não tem outra. Isso é uma obrigação!”. Curiosamente, ele também perdeu o pai

com 25 anos, exatamente a minha idade. Essa coincidência foi uma das coisas que me fizeram pensar que eu conseguiria viver sem a presença física do meu pai, de alguma forma. Isso também me fez ver quão grandioso meu pai foi, afinal, eu não estou dando conta nem de mim mesma, imaginem só ele sendo responsável pela família inteira! - Como que faz pra conseguir, pai? - Por conta dessa perda, ele acabou nos preparando desde sempre pra sua partida. Deixou conosco todos os aprendizados - mesmo que separados entre todos os irmãos - que precisaríamos para seguir nossas vidas.

E assim faremos, pois, em todas as suas previsões, “tudo sempre vai ficar bem” e “o papai sempre vai estar com vocês”.

Eu e meu pai seguimos caminhos profissionais totalmente diferentes. Ele nas Arcadas da São Francisco e eu no Prédio Central da Luiz de Queiroz. Ele no Direito e eu em Ciências dos Alimentos. Explico isso pois escrevi o texto falando dos diferentes espectros que poderíamos observar do meu pai e imagino que, para os estudantes de Direito, seja um pouco menos literal a expressão de enxergar por espectros. Para nós cientistas, os espectros são medidas de comprimento de onda de incidência e absorção, que mudam de acordo com o meio, o ambiente, as incidências e os conteúdos das soluções. O

meu pai tinha vários espectros. Este artigo foi para mostrar-lhes um pouquinho do comprimento de onda familiar. Entendo que este conceito não seja muito usual pra vocês, mas o contrário também acontecia - e muito. Essa troca de expressões científicas e processuais que eu tinha com meu pai, me fez ser uma cientista com uma tatuagem escrita “Inexpugnável”.

Inexpugnável foi o adjetivo que ele usou para me acalmar da primeira crise de pânico que tive, achando que iria perdê-lo. Esse adjetivo esteve presente em todas as nossas conversas desde então e, agora que o perdi, escrevi com suas letras um lembrete de que “está tudo bem, filhotinha. O papai é inexpugnável e vai estar sempre com você!”.

Ele era meu pai, meu amigo e às vezes se comportava como se fosse meu filho... Além dessas três figuras, perdi meu conselheiro, meu *sommelier*, meu apoiador e uma das minhas maiores inspirações de toda a minha vida. Foi uma perda muito significativa para todos, mas, para nós da família, foi algo inenarrável, assim como ele era. Espero que esta homenagem possa ajudar a manter viva a lenda Cláudio Levada e dar a você, pai, orgulho das palavras, memórias e sentimentos que aqui retratei.

Gostaria de agradecer à equipe da revista pelo convite, em especial ao Paulo

Roberto Cunha, pela oportunidade de fazer parte desta homenagem. Agradeço a todos os colaboradores do Centro Universitário Padre Anchieta e a todos os demais que prestaram homenagens ao meu pai.

Com carinho e muita saudade,

Tatiane Levada.



Foto 4: Cláudio Levada e sua filha Tatiane Levada.

Fonte: acervo da autora.